

# Conservação do Papel de Parede Histórico

<http://www.buildingconservation.com/articles/wallpap/wallpap.htm>

**Phillipa Mapes**



Pormenor de um papel de parede de estilo 'Gótico' dos princípios do século XVIII, estampado manualmente com tintas de têmpera.

Os acabamentos decorativos têm tanto impacto sobre o carácter de um interior como qualquer elemento ou material arquitectónico. Os papéis de parede, em especial, estão entre os mais significativos, não só por causa do impacto visual do seu desenho, da sua cor e do seu acabamento, mas também por causa da elevada proporção da área superficial do interior que pode ser afectada. Actualmente os papéis de parede históricos também estão a atrair um interesse crescente, por direito próprio, como objectos de arte e de decoração. No entanto eles estão entre os mais vulneráveis elementos de um edifício, sujeitos às alterações dos padrões de gostos, aos danos acidentais e à degradação, e são raros os exemplos sobreviventes em interiores históricos, o que confere ainda mais importância à sua conservação e compreensão.

A conservação dos papéis de parede históricos baseia-se nas competências do conservador de papel treinado. Como elemento do interior histórico, a sua conservação deve, necessariamente, apoiar-se nas competências da pintura em cavalete, da pintura mural e também dos conservadores têxteis, e, sendo um elemento da fábrica do edifício, também pode envolver ligações próximas com arquitectos, consultores sobre edifícios históricos e outros especialistas, especialmente no que disser respeito à degradação.

Em simultâneo com esta abordagem multidisciplinar, o conservador também deve estar apto a reconhecer os desenhos de época e os estilos que não só encorajam a apreciação, mas também ajudam a identificar os materiais e as técnicas de manufactura contemporâneos. Por seu lado, estes têm peso na escolha do tratamento de conservação.

## ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O papel de parede mais antigo que se conhece na Grã-bretanha data de 1509 e foi encontrado recobrendo as vigas do *Dining Hall* no *Christ's College*, em Cambridge. Este papel foi impresso em monocromia, com blocos de madeira gravados, sobre o verso de documentos de folha única. Estes papéis antigos eram, geralmente, feitos à mão a partir de pedaços reconstituídos; eram coladas pequenas folhas entre si, ao correr de uma aresta, para se formar um determinado comprimento, sendo depois impressos com um bloco de madeira ou com um *stencil* (ou uma combinação dos dois), usando-se tintas à base de têmpera ou de óleo. Este tipo de produção tornou-se a norma para os papéis de parede até à industrialização no século XIX.

Nesta altura, o papel de parede proporcionava uma alternativa menos dispendiosa aos têxteis suspensos. Assim sendo, os desenhos imitavam as modas para os têxteis contemporâneos. Os *"flock wallpapers"*<sup>1</sup>, que eram produzidos salpicando-se lã cortada sobre um desenho impresso com cola, eram reproduções deliberadas dos cortinados de parede da época em damasco e em veludo aparado. Apesar da sua reputação actual ser bastante ignóbil, os *"flock wallpapers"* eram artigos caros e de prestígio e, tal como a maioria dos papéis de parede, eram bastante populares entre as classes ricas e seguidoras da moda.

O papel de parede também era importado da China, quer sob a forma de papel oriental, quer de seda. Estes eram requintadamente pintados de forma a exibirem jardins de flores, árvores e pássaros, ou cenas da vida quotidiana tradicional na China. Graças à sua beleza e qualidade de execução, estes papéis tornaram-se um lugar comum na maioria das casas senhorias da Grã-bretanha, durante os séculos XVIII e XIX, e ainda são importantes para a sobrevivência destas na actualidade.

---

<sup>1</sup> N.T. – Papel de parede aveludado.

Por meados de século XIX, a produção do papel de parede juntou-se à revolução industrial. A crescente procura deste papel foi satisfeita pela utilização da polpa de madeira, que era rápida e economicamente processada, mas que resultava inicialmente num papel ácido de fraca qualidade. Os desenvolvimentos na maquinaria para a fabricação de papel permitiram que passassem a ser produzidos papéis contínuos de grande comprimento. Por seu lado, estes podiam ser impressos usando-se as novas máquinas com rolos de madeira ou metálicos. Os desenvolvimentos complementares na produção de tintas também proporcionaram a possibilidade de novas e mais variadas cores, nas quais se incluem algumas experiências do século XIX com verde de arsénico.

Em paralelo com a corrida pela mecanização, alguns fabricantes ainda estavam a produzir papéis de parede estampados com blocos de madeira; entre eles, o cabeça do movimento *Arts and Crafts*, William Morris, que editou o seu primeiro papel de parede em 1864. Era forte a concorrência com os habituais rivais dos ingleses, os franceses, que estavam a produzir papéis de parede cénicos incrivelmente elaborados para um mercado Britânico muito apreciador. Estes enormes “panorâmicos” consistiam, geralmente, em paisagens ou vistas não repetitivas que se desenvolviam, continuamente, em redor da sala e que podiam exigir o entalhe de mais de 1.000 blocos para se imprimirem os diferentes elementos do desenho.

Continuaram a parecer inovações, que criaram uma procura por novos tipos e novos desenhos de papel. Pelos finais do século XIX, tornaram-se populares os papéis com relevo, tais como o *Lincrusta Walton*, e, em especial, os papéis resistentes à humidade, que foram especificamente produzidos para as casas de banho e para as cozinhas, quando se desenvolveram os “sanitários”, os quais eram mecanicamente impressos com óleos e, depois, envernizados.

Apesar de a industrialização do fabrico do papel de parede ser, frequentemente, associada ao aparecimento de materiais e de desenhos de fraca qualidade, foram produzidos muitos bons exemplos que ainda podem ser apreciados na actualidade. Deve-se, também, assinalar que esta produção crescente proporcionou a oportunidade para todos os níveis da sociedade, com a excepção dos muito pobres, poderem comprar e usufruir do papel de parede, e terem orgulho na decoração das suas casas.

## DEGRADAÇÃO DO PAPEL DE PAREDE

Para se realçarem os principais tipos de degradação que afectam *in situ* os papéis de parede, as suas causas podem ser grosseiramente divididas em factores “externos” e “internos”.

### FACTORES EXTERNOS

Tal como todas as obras de arte feitas sobre papel, os papéis de parede históricos estão susceptíveis a danos por exposição à luz e às flutuações da temperatura e da humidade relativa. Combinados com os efeitos dos poluentes atmosféricos, estes factores podem provocar a destruição da camada de tinta e do suporte de papel. Podem aparecer mais problemas em consequência de respostas diferenciadas das diversas laminações das superfícies decorativas e dos seus substratos às condições ambientais, pelo que a conservação do papel de parede não deve ser encarada como sendo apenas o tratamento do próprio papel. O papel de parede, as colas, os forros, as telas, as fasquias do estuque e outros elementos podem, cada qual, responder de forma diferente às variações de temperatura e de humidade, por exemplo, e os movimentos dimensionais variáveis são feitos, frequentemente, às custas da

camada mais fraca – o papel de parede. Tais condições são magnificadas nos edifícios históricos, onde os respectivos papéis de parede já suportaram as alterações sazonais, a iluminação e o aquecimento com velas, os fogões de óleo e de lenha, bem como a instalação dos sistemas de aquecimento central e a redução da ventilação.

Os papéis de parede históricos também são susceptíveis aos danos consequentes dos problemas estruturais do próprio edifício. As fissuras nas paredes, consequentes dos movimentos e dos assentamentos, podem introduzir esforços e enrugam o papel de parede na superfície, assim como as infiltrações e os pontos de humidade podem provocar o aparecimento de manchas, encorajar o crescimento de bolor e o enfraquecimento físico do papel, dos pigmentos e das colas. Os papéis de parede aplicados directamente sobre paredes estucadas, com ou sem um forro, também podem sofrer perturbações consequentes da desagregação do estuque ou dos sais solúveis emanando da parede.

Os papéis de parede que, tradicionalmente, eram aplicados sobre telas e molduras podem ter ficado protegidos, até certo ponto, contra os anteriores factores. No entanto, não é invulgar que as estruturas em madeiras empenem e/ou que as telas se degradem tornando-se num portador fraco, enfolado e ácido para o papel de parede. As técnicas tradicionais de aplicação também podem afectar a longevidade do papel de parede por terem usado materiais não permanentes, tais como pregos de ferro ou forros, papéis e colas de qualidade inferior.

Finalmente, os danos mais aparentes nos papéis de parede históricos provêm, geralmente, do desgaste por utilização, tais como o tráfego humano, os graffiti, os arranhões pela mobília, e os furos para a suspensão de decorações, entre outros factores. Apesar de este tipo de danos ser mais óbvio, é, geralmente, menos grave, dada a sua natureza localizada.

## FACTORES INERENTES

Os factores que afectam a sobrevivência de um papel de parede são, com frequência, directamente atribuíveis aos materiais e ao método de fabricação quer do papel, quer do meio (pintura ou tinta, por exemplo) pelo qual o desenho do papel foi impresso. A degradação e a fragilização de um suporte de papel datado posteriormente a 1850, por exemplo, podem ser consequências directas da fraca qualidade do lote de papel usado nessa época. Pelo contrário, um papel de parede chinês do século XVIII pode ter-se tornado frágil, não por causa de uma qualidade fraca, mas porque a sua construção, finamente laminada, o fez ser particularmente vulnerável às alterações ambientais.

De forma semelhante, a larga variedade dos pigmentos e dos meios usados nos papéis de parede históricos pode provocar danos no suporte, ou ser propício à sua própria degradação. Os ligantes de amido e de cola/gelatina animal não só proporcionam alimento para os insectos, como também são propícios à dissecação e à retracção. Estas resultam em pulverização, descamação e posterior perda da camada de pigmento. É frequente que as prioridades de desenho estejam em conflito com os requisitos de longevidade; uma tinta mate, por exemplo, é frequentemente criada usando-se, de forma deliberada, pigmentos granulares com muito pouco ligante, mas tem como consequência camadas de pintura vulneráveis e mal ligadas. O conservador deve tentar preservar esta aparência mate não saturando os pigmentos mas, ao mesmo tempo, voltando a fixar e a consolidar as camadas em descamação.

## TRATAMENTO DE CONSERVAÇÃO

Todos os tratamentos de um papel de parede histórico têm que levar em consideração diversos factores interrelacionados; o papel de parede, o seu sistema de aplicação, bem como os elementos arquitectónicos e as condições ambientais do próprio compartimento. Assim, deve-se assumir que se deve resolver um determinado problema sem se comprometer a integridade histórica da totalidade do compartimento. Em geral, os tratamentos de conservação caem dentro de uma ou duas categorias, conforme o tipo e a severidade: tratamento *in situ* (quando podem ser executadas no próprio local); e tratamentos que envolvem a remoção e uma nova aplicação do papel de parede.

Os tratamentos *in situ* são úteis onde os danos forem menores e localizados, por exemplo, uma pequena área manchada ou destacada. Os tratamentos superficiais são, frequentemente, executados *in situ*, tais como a remoção da sujidade ou poeira não granulada e a consolidação de alguns tipos de meios de pinturas soltos. Os depósitos e as manchas também podem ser, frequentemente, removidos por tratamentos aquosos localizados.

Como o trabalho *in situ* implica apenas o tratamento da superfície do papel, não é provável que seja adequado aos papéis de parede seriamente danificados ou delaminados. As suas principais desvantagens são que ele não permite o acesso ao suporte do papel ou à parede para investigação, assim como impede trabalhar nestes. No entanto, o tratamento *in situ* é útil não só para limpeza e para tratamentos de primeiros socorros, como proporciona uma observação geral do papel de parede na sua posição original. Esta pode ser documentada para auxiliar a monitorização física e ambiental, e proporciona recomendações para tratamentos futuros.

## REMOÇÃO E NOVA APLICAÇÃO

A remoção seguida de nova aplicação é o tratamento mais interventivo que se oferece ao conservador e só deve ser executado se a parede ou o papel estiverem severamente degradados. Para se minimizar a perturbação da integridade do papel de parede histórico, este deve ser removido em grandes secções, de preferência a dividi-lo em comprimentos individuais.



Um papel de parede, de fabricação mecânica, de meados do século XIX, severamente manchado, antes da conservação.

Quando está aplicado sobre tela, pode ser removido o papel de uma parede inteira soltando-se a tela dos pregos e retirando-se o papel, usando-se a tela como suporte. Outros métodos implicam técnicas físicas a seco, usando-se espátulas e facas sem bico para se trabalhar por detrás do papel. Em alternativa, são usadas técnicas químicas por via húmida, envolvendo uma variedade de soluções e pulverizações aquosas, e ainda o uso de vapor sobreaquecido e/ou enzimas, para se desligar a colagem entre o papel e a parede.

Esta remoção permite, então, o tratamento quer da frente, quer do verso do papel de parede. Ela também facilita técnicas mais eficazes de limpeza aquosa, consolidação e reparação, assim como permite a remoção e substituição dos forros degradados ou danificados. A própria superfície da parede pode ser reparada e preparada com um sistema de forro novo, mas historicamente adequado, sobre o qual se vai voltar a aplicar o papel já conservado.

O conservador de papel de parede fica, assim, armado com diversas opções de tratamento para conservar o papel de parede histórico. Como os papéis de parede são encarados como obras de arte que fazem parte de outra estrutura histórica, essa estrutura histórica deve ser encarada como um todo. A principal prioridade do conservador é a preservação do papel de parede, no entanto também é importante o reconhecimento sobre onde e como ele estava aplicado. Devem ser imitados, tanto quanto possível, os métodos originais de produção e de aplicação. No entanto, sempre que seja apropriado, devem ser usados materiais de conservação modernos, com qualidade, que irão proteger o papel de parede em vez de lhe provocarem danos, e que vão ajudar a preservá-lo para o futuro.

## AUTOR

**PHILLIPA MAPES**, BA, HND Con, MA Conservadora de Papel de Parede Histórico (RCA/V&A) é uma sócia comercial de *Sandiford and Mapes*, especialista na conservação de papéis de parede históricos e grandes obras de arte sobre papel. Ela produziu recentemente uma exposição temporária no Museu *Victoria and Albert*, abordando a conservação de papéis de parede históricos, e recebeu um *Conservation Unit Award* por trabalhos em papel de parede chinês.